

RESUMO

O artigo foi elaborado com o objetivo de entender o Ensino Remoto Emergencial inserido nas diversas instituições de ensino superior (IES), espalhadas pelo Brasil, que oferecem cursos de Engenharia ou de Graduação Tecnológica. Entender os modelos de ensino implantados nas IES para colocar em prática o que o Ministério da Educação (ME) denominou Ensino Remoto (ER), e que permitiu a continuidade das atividades acadêmicas diante da pandemia do coronavírus, causador da doença denominada COVID-19. Pretende-se, ainda, discutir e avaliar se essas iniciativas foram bem-sucedidas, ou seja, se houve um bom entendimento dos docentes e dos discentes sobre a nova forma de aprender e ensinar, de estudar e de planejar as disciplinas. Também pretende-se avaliar se os docentes segundo Bruno-Faria et al (2013) conseguiram adaptar os currículos em função da nova demanda, considerando o uso de tecnologias emergenciais, as características peculiares de cada região, por exemplo, a qualidade da internet em suas localidades ou mesmo o ambiente de trabalho domiciliar que não estava preparado para se tornar a sala de aula. Deve-se levar em conta, o fato de que o atual momento era inimaginável para a sociedade e ela não estava preparada para, de um hora para outra, entender esta nova realidade imposta pela pandemia. Neste processo, é importante salientar que é necessário haver uma educação continuada de todos os docentes em relação às didáticas e metodologias de ensino, assim como o uso de tecnologias diversas para melhor integração e aprendizado dos estudantes. Esses que, não somente no contexto de Ensino Remoto, precisam se sentir ativos em sua trajetória de construção de conhecimento, incluídas assim atividades que estimulem diferentes competências, habilidades e a criatividade. Não obstante, há outros desafios pertinentes à pandemia, como as consequências do distanciamento social dos estudantes e professores na saúde mental e, por conseguinte, no desempenho acadêmico. Para ilustrar esse efeito, em um questionário aplicado pela UFRGS a graduandos de engenharia no Brasil, foi obtido o resultado de que 33,9% deles tiveram sintomas amplificados de ansiedade no contexto de ER, assim como 32,3% apontaram uma carga excessiva de atividades demandadas e 9,7% indicaram que o distanciamento de colegas e professores foi um fator de significativa dificuldade no seu processo de aprendizado. Diante dos fatos e discussões conclui-se que tanto o professor quanto o aluno têm um potencial e responsabilidade de transformarem o ensino, além de alinharem e potencializarem o uso de inovações em aulas remotas. Ademais, demarca-se que este ainda é um processo ainda inicial, mas que propõe mudar a maneira de ensinar, dando base também para futuras soluções, como o Ensino Híbrido.

PALAVRAS-CHAVE: ensino remoto, engenharia, tecnologia, inovação

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, simone.ramires@ufrgs.br

² Faculdade de Tecnologia, ilkam@uol.com.br

³ Instituto Federal de São Paulo, prof.carlos.santi@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, giovannimendes800@gmail.com